

Monteiro, J. L. (2020). *Que nada se sabe*. Paulinas. Lisboa: 297 pp.

MARGARIDA ESPIGUINHA¹



José Luís Monteiro, nascido, em Gouveia, na Serra da Estrela, em 1960, tem tido desde sempre uma forte vinculação ao mundo da cultura, sobretudo desde que ingressou na Ordem de São Domingos, em França, em 1983. No campo profissional, veio, mais tarde, em 2016, a desempenhar a função de Diretor da Bibliothèque du Sauchoir (biblioteca provincial e patrimonial da Província Dominicana de França), em Paris, onde é, desde 2019, secretário geral da Província Dominicana de França, e, além disso, em 2020, projetou, na sua terra natal, o Museu Internacional do Livro Sagrado. Na editora Paulinas, onde foi ainda responsável pela criação da coleção de espiritualidade, «Sabedoria Cristã», na qual se contam já sete livros, alguns deles reeditados, publica, em julho de 2020, uma coletânea da sua obra

==

¹ Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8681-6593>.

poética, intitulada *Que nada se sabe*, que reúne poemas de «Navegadores do olhar», de 1996, «Vozes e Silêncios» e «A Erosão da Saudade», ambos de 1997, a «Memória do Corpo», de 1999, e «Outros Poemas Inéditos».

A sua composição poética é sustentada por quatro fundamentos essenciais como o silêncio, o olhar, o corpo e a aproximação ao divino, embalados por um ceticismo e a tentativa de superação dos dilemas metafísicos do espírito/matéria e da essência/consciência. Em poemas como «Palavras devedoras» (Monteiro, 2020: 44) e «A pulsação da realidade» (*Ibidem*: 48) é perceptível a herança filosófica da dinâmica do não-saber e a crítica às categorias aristotélicas do quinhentista Francisco Sanches em *Quod nihil scitur*. Com efeito, os versos «escrevo para ti/as palavras devedoras / e parto do silêncio» (*Ibidem*: 44, vv. 11-13) mostram a impossibilidade de as palavras determinarem com precisão a natureza ou a essência das coisas, razão pela qual são «devedoras». Assim, este relativismo da linguagem e do próprio conhecimento convocam o sujeito poético a questionar-se sobre a escolha das palavras para designar a realidade contemplada: «E a que palavras devedoras / poderemos recorrer/ao incendiar aqui e ali /um coração, uma fonte,/ um olhar,/ uma mão atravessada por uma fonte?» (*Ibidem*: 48, vv. 10-15). Diante dessa impossibilidade, o sujeito poético assume como ponto de partida o silêncio como substituto das palavras.

Efetivamente, no poema «Ao poeta Christian Bobin» (*Ibidem*: 150), torna-se evidente esse poder libertador do silêncio, que pode ser, como destaca Miguel Real, no prefácio desta obra, «metafisicamente libertador, mas humanamente opressivo» (*Ibidem*: 7). Na verdade, para o sujeito poético, este tem como fim projetar a consciência para o mais profundo de si, de tal modo que parece estar de certa forma apartado da vida terrena: «Afastado do mundo/e da sua raiz, / sempre perceberemos/o seu colmo de transe» (*Ibidem*: 150, vv. 18-21). Paradoxalmente, no poema «Lugares da memória» (*Ibidem*: 155), é o olhar, isto é, a contemplação da realidade, pelo silêncio, e, simultaneamente, pela renúncia ou pelo distanciamento da matéria, que o aproximam do divino: «São as palavras que eu não ouço,/ as sílabas íngremes,/ porque o mundo é local inóspito» (*Ibidem*: 155, vv. 13-15).

Contrariamente, quando o eu poético faz uso das palavras, entende que deve ser uma linguagem singela, com imagens e descrições muito vivas da natureza, e em constante mutação, tal como no poema «A ternura da terra» (p. 157). Caracterizado por uma intensa sensualidade e um estilo elevado, e, ao mesmo tempo, doce, dado que, apenas a linguagem da poesia parece conseguir captar a intimidade e o movimento do homem na sua procura pela união com a natureza, como preconiza a teoria da razão poética de Maria Zambrano.

Por conseguinte, o tema da saudade ou, mais propriamente, da nostalgia da infância acentuam a busca incessante do ser humano pelo contacto íntimo com o Sagrado, num tempo anterior ao do desenvolvimento da filosofia: «Procurar a infância/ou o olhar inicial, / atravessar / a cor dos campos / beber a terra, / tocar levemente / e amorosamente/as suas coxas / ler os sinais vivos / ou adormecidos da terra, / eis a carícia que lhe devemos» (*Ibidem*: 157, vv. 1-11). Cercado da realidade sensível ou corpórea, isto é, o equivalente ao ser-em-si sartriano, os seres e os fenómenos naturais constituem-se como sinais do Ser, do Absoluto ou de Deus. Porém, no poema «Separação-União» (*Ibidem*: 158), é recognoscível a tentativa de superação dos dilemas metafísico espírito /matéria ou alma/corpo, ainda que o poeta tenha consciência de uma certa dor, violência e da sede de encontrar o que nem sempre parece ter um nome ou forma, assim como acontece na composição seguinte: «Que nada se sabe / se não escutarmos / o ardor do silêncio / os seus caules atrofiados / pela nossa dor / de estarmos / à beira da sua chegada» (*Ibidem*: 159, vv. 1-7).

Em «Uma lâmpada verde» (*Ibidem*: 169) reconhece que Deus é a «a nuvem que não podemos nomear» (*Ibidem*: 169, v. 12). Desta forma, materializa ou corporifica a ideia de Deus e do inominado, no poema «Uma saudade viva» (*Ibidem*: 177), através da recriação de um ambiente de aproximação pelos sentidos, procurando apreender a dificuldade da

experiência divina, através do sentimento de saudade da presença de uma entidade ausente: «e por isso surges/no afastamento do mundo, / embora não o tenhas/de todo deixado» (*Ibidem*: 177, vv. 15-18).

No poema, «Soletrar o corpo» (*Ibidem*: 191), o eu poético considera ainda que o corpo e as realidades sensíveis são «uma máscara que nos engana» (*Ibidem*: 191, v. 6), mas que não podemos evitar, em contraste com a «alma que não se extingue» (*Ibidem*: 191, v. 25).

Consequentemente, a reflexão sobre transitório e a *uita brevis* encontra-se no poema «Corpo de olhar» (*Ibidem*: 198), através de um olhar de um corpo-alma pungente procura tornar inteligível o não inteligível na unificação impossível da experiência sensível da espiritualidade: «Corpo de olhar. / Olhares no teu corpo. / Olhar a memória / que guarda a relíquia/da tua passagem / breve e messiânica» (*Ibidem*: 198, vv. 1-6).

Assim sendo, o poema «As dores e os olhares» (*Ibidem*: 217) reflete essa necessidade de unidade ou encontro entre filosofia e poesia para o conhecimento da alma, que deve consistir não só naquilo que se observa ou se percebe, mas também no que se sente: «Vão e voltam/ as dores e os olhares/e tu és/uma sede demorada, / um patamar / de incêndios» (*Ibidem*: 217, vv. 1-6).

Finalmente, no poema, «Eu te celebro rosto pacífico» (*Ibidem*: 231-232), é visível o efeito

de erosão e de esvaziamento do ser, cuja completude se encontra na possibilidade da união do sujeito fragmentado com o objeto amado (Deus): «na erosão em que me encontro, / acolhendo e recolhendo / a minha combustão, / o esvaziamento do meu ser / até que Deus o encontre e ele seja / [...] / onde apenas o seu ser silente / será tudo em nós/

que não somos» (*Ibidem*: 231-232, vv. 44-56). Esta substituição que dispensa o sujeito em benefício do objeto amado, sem sofrimento, é confirmada no poema «Que eu me mude em ti» (*Ibidem*: 353), dedicado a Agripina Costa Marques: «Tu que nos mudas/em Ti [...] / ouve-se uma súplica: / que eu me mude em ti» (*Ibidem*: 353, vv. 1-2, 19-20).